

LEARDINE, M. A; PRADO, G. do Val T. Alteridade e identidade: um diálogo na busca de sentidos na experiência da criança que eu fui... In.: **Revista Diálogos**. Caderno Estudos Linguísticos e Literários. Ano II, N. I, 2014. Cuiabá: 2014.

ALTERIDADE E IDENTIDADE

Um diálogo na busca de sentidos na experiência da criança que fui...

Márcia Alexandra LEARDINE¹
Guilherme do Val Toledo PRADO²

Resumo: A identidade se constrói e afirma-se com o tempo, com a experiência de vida, com nossas histórias, com nossas memórias e reflete nos processos de assimilação e distinção de nosso próprio território ou a um grupo particular. Memória, identidade e alteridade estão indissolúvelmente ligadas. Elementos, ao mesmo tempo em que nos constitui, é também por nós constituídos. Isso resume a dialética da memória e da identidade, que se conjugam, se nutrem mutuamente, para produzir uma trajetória de vida, uma narrativa alteritária construída a partir das memórias sobre fatos passados, que analisados com o olhar do presente, por meio da qual é projetado o futuro.

PALAVRAS-CHAVE: memória, identidade, alteridade.

ORTHERNESS AND IDENTITY

A dialogue in search of meaning in experiênda child who was ...

Abstract: The identity is constructed and states over time, with the life experience with our stories, with our memories and reflects the processes of assimilation and distinction of our own territory or to a particular group. Memory, identity and alterity are inextricably linked. Elements, while it is in, is also made by us. That sums up the dialectic of memory and identity, which are joined mutually nourish, to produce a trajectory of life, a alteritária narrative constructed from memories of past events, which analyzed with the look of this, by which is designed the future.

KEYWORDS: memory, identity, otherness.

...i./\i.g.k...kíi.kí.g ...i03<T:
//<i0=4" \.000o _i000 \ \0<←: \ \00↑; -\0=4
\.0=2: \.0=3

//+000+8: ...i03<T: <í\000'00-↑± .i00L: _+000, \ \0<←:
\ \00↑, .i00o .i0=1; .i00o //_i00=T. ...i00T: //_i00T
<í000 //+000T↑ //_k.000V: .i00o _i000, <í00o.#.00
//<í00L+: \.00T: //_i00=T, ...i03<T: .i./\i.g.k...kíi.kí.g
//_i00o: //<í000' //+000+°. .i0000 <í00L: //_i000T↑ //<í000↓,
//.i000+; //<í000↓ //_i000T↑ .i0000. <í000L↑ //+000+
//+00=1" \.00T //_i00=T, ...i03<T: //_i000+; //_i00o: //<í000'
<í\000'00-↑± .i0=1: \ \00↑; //...i00L: .i./\i.g.k...i./\i.g.k...i.
//_i000T↑ .i0=1: <í000L↑ _+000±, .i0=←: .i00L, //í.00L↓
i0=^→ i000L.

¹ Universidade Estadual de Campinas - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada professores mestre e integra o Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP- mleardine@yahoo.com.br

² Universidade Estadual de Campinas - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada professor doutor, orientador e coordenador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP – gvptoledo@gmail.com

A sociedade em transformação alarga-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo. Por isso a significação é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação, com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias (BAKHTIN, 1988, p.136).

Lembro-me aqui dos estudos realizados sobre a dimensão da memória e do esquecimento a que Benjamin (1996) se refere em seus escritos sobre a infância, tecida a partir das trajetórias que fundam uma posição diante do mundo e da cultura. Infância aqui entendida como um coletivo que abre a possibilidade da compreensão de uma época a partir de sua face criança. Ele registra com preciosidades, com singulares descrições, com reflexões críticas, os pequenos detalhes que fundam o tecido que marca a vida cotidiana estampada no singular e no plural.

E é neste contexto que a narrativa encontra-se intimamente relacionada às minhas memórias, entendida aqui como o exercício do despertar, a possibilidade de ressignificação da própria experiência por meio das lembranças conscientes e inconscientes, cheias de significados, sentimentos e sonhos, pois cresci ouvindo as mais diversas histórias que foram compondo a trajetória da minha vida, que assim contribuíram para esta minha eterna formação identitária.

A concepção de narrativa em Benjamin está relacionada com seu conceito de experiência (*Erfahrung*). *Erfahrung* vem do radical *fahr* que, em alemão significa “percorrer”, “atravessar uma certa região durante uma viagem” (GAGNEBIN, 1999, p.57). Para o autor, o sentido de experiência aproxima-se da ideia de viagem, de caminho e – quem sabe? – até de ultrapassagem, porque implica em passar por. A *Erfahrung* é como um rio que não empoça, escorre, que não se fixa, espraia. Conhece outros domínios, encontra outras águas.

Assim vou percorrendo pelos caminhos, junto alguns cacos, alinhavando os retalhos, recolhendo sentelhas... Busco assim, os rastros deixados do que foi caminhado até aqui, ao rememorar-los, afloro percepções, sensações, recepções e aprendizagens.

Movimento que permite transitar neste presente convergido entre passado e futuro, emergindo do meu ato de viver, não como meras memórias do que me precedeu, mas como passado que é partilhado em busca de possibilidades de construções de futuros sentidos.

Partindo dessas reflexões iniciais, escavando meu passado, retomo o conselho de Benjamin (2000), me vigiando para deixar de lado qualquer opinião pré-concebida sobre o curso global desta história. Quero por meio delas me envolver com as

descobertas, deixando-me assim, invadir pelo olhar e pelos cânones do tempo que investigo, de tal modo que o resultado dessa ‘escavação’ possa resguardar e preservar aquilo que por ventura venha a ser revelado, cuja memória seja o meio em que se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas:

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado, deve agir como um homem que escava. Antes de tudo não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo, como se revolve o solo. Pois ‘fatos’ nada são além de camadas que apenas a exploração mais cuidadosa, entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxadada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. (BENJAMIN, 2000, p. 239)

Apresento-lhes, então, algumas lembranças, cavadas com cuidado e profundidade, buscando ao mesmo tempo, fornecer-lhes uma imagem do que selecionei...

Por muito que se deva a memória coletiva é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso, pode reter objetos que são, para ele, significativos dentro de um tesouro comum. (BOSI, 1994, p.333)

E assim como quem encontra as camadas nas quais se originam meus achados, coloco-as em diálogo com as outras camadas que atravessaram anteriormente.

Era contando histórias reais, vividas, ou pelo menos, se constituíam nas verdades que meus familiares (pais, avós, tios...) julgavam ser importantes para nos transmitir os valores morais e éticos que tanto zelavam e se apoiavam para nos educar.

Neta de italianos, vindos para o Brasil como refugiados da guerra por parte de mãe e de uma avó indígena, casada também com um italiano por parte de pai. Sou filha de um cabloco, casado com uma caiçara, que tiveram quatro filhos: minha irmã Jane, meu irmão Mário, mais conhecido por Kico, Márcia – que sou eu – e meu irmão caçula Jardel, que há 15 anos já não pertence mais a este nosso mundo.

O tempo social absorve o tempo individual que se aproxima dele. Cada grupo vive diferentemente o tempo de família, o tempo da escola, o tempo do escritório ... Em meios diferentes ele não corre com a mesma exatidão. (BOSI, 1994, p.339)

Nossa casa ficava em uma vila no bairro São Benedito, na pequena cidade de Morungaba, interior de São Paulo. Bairro que continha casas simples, com a porta rente ao barranco que dava para a rua de terra batida.

Esta rua era ponto de encontro de todas as crianças da vila para brincarmos de queimada, carrinho de rolimã, pipa, esconde-esconde, pega-pega, taco, pião, pular corda... Passávamos a parte da manhã na escola, a única da cidade naquela época, e o restante do dia e parte da noite, na rua!

Infância intensa, inquieta, criativa, rica em brincadeiras de rua, peripécias entre pastos, riosinhos e quintais dos vizinhos e minha alegria. A falta de dinheiro não se configurava como sofrimento, não para nós crianças que corríamos soltas pelas ruas, subíamos em árvores, fazíamos dos túmulos em construção no cemitério, um excelente esconderijo nas brincadeiras de esconde-esconde, cujo temor de almas penadas, nem se passava pelas nossas cabeças.

Há fatos que não tiveram uma ressonância coletiva e se imprimiram apenas em nossa subjetividade. E há fatos que, embora testemunhados por outros, só repercutiram profundamente em nós. (BOSI, 1994, p.332)

Interessante como relembrar algumas peripécias, me fez pensar nas influências culturais, que me permitiram transitar em vários sentidos: o nascer em família numerosa cuja vivência se misturava com primos, tios, avós em uma mesma moradia; crescer brincando na rua com outras crianças, estudar todos em uma mesma escola; trabalhar; casar...

Assim, eu e todas as crianças daquela região íamos sendo educadas, eu não se percebia nenhuma distinção entre nós. Era como se todos daquela pequena cidade pertencessem a uma única família, com a mesma religião, com os mesmos hábitos de lazer; os mesmos acessos aos meios de informação, os mesmos costumes.

É a essência da cultura que atinge a criança através da fidelidade da memória. Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desapareceram na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outra época. (BOSI, 1994, p.33)

Só agora percebo a riqueza e diversidade cultural que ali se misturavam e foram me constituindo. Destaco que para além dos momentos lúdicos, minha infância foi marcada por muito amor, expresso na presença carinhosa do meu pai e firme da minha mãe e no companheirismo dos irmãos, primos e vizinhos.

Lembro-me de todos os anos que na escola passei. Parece que ainda vejo as carteiras, eram fixas no chão, ainda com furos para tinteiros, sentávamos em duplas, mas não havia troca de ideias entre nós. Para provar que você era bem comportado era preciso permanecer imobilizado, com olhos e ouvidos atentos à professora escrever na lousa e depois reproduzir tudo no caderno. “Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino” (FREIRE, 2007, p.85).

Desse jeito aprendi muito bem a responder nas chamadas orais, quais eram as capitais dos países; ser rápida ao decorar os resultados da tabuada; copiar trechos dos livros para responder aos questionários como forma de estudar para provas; resolver problemas matemáticos que visavam só o resultado, mas era confuso, porque o problema mesmo, eu nunca encontrava qual era.

Quando sentia que na escola parecia não ter espaço para todos os sons, imagens, personagens, saberes que já habitavam meu ser, era fora dela que eu buscava comprovar se o que eles estavam me dizendo ou fazendo escrever era verdade e trazia para dentro dela as minhas descobertas.

Memória esta que me fez dar um salto nas recordações e ir buscar a aluna que fui, lá nos tempos de faculdade, no início da década de 90, cujos estudos sobre Paulo Freire e Célestin Freinet, me fizeram descobrir que ambos acreditavam e apostavam na capacidade que o aluno tem para organizar sua própria aprendizagem.

Corpos obedientes e passivos nas aulas com mente inquieta e curiosa me fizeram ser uma aluna respeitada, sempre requisitada pelos professores, líder de gincanas escolhida pelos colegas, ajudante de classe, gremista, representante de turma na universidade.

Concordo com Safra (1999), acreditando que a criança significa suas experiências tanto pelo uso da linguagem discursiva como pela articulação de formas estéticas e simbólicas por meio das quais o indivíduo apresenta seu existir por gesto, por sonoridade, por formas visuais, por diversos outros meios que vão constituir um estilo de ser e que, ao longo dos anos, como ocorre com a linguagem, ganham sofisticação.

Tenho certeza que meu pai, jamais ouviu falar ou leu Safra, no entanto, com a sua forma de ver e viver, cultivou em mim o gosto pelos estudos e um imenso respeito

pela escola, local este que ele nunca teve a oportunidade de frequentar, mas com maestria conseguia incentivar a minha criatividade e instigava a minha curiosidade constantemente.

Assim fui aprendendo a escrever e ler, sem perder a paixão pelas histórias, permeada de uma herança cultural que me proporcionou diversas vivências, cujos conhecimentos vinham das ações que realizávamos e das relações que eu fazia com tudo o que vivia, nas quais meus sentidos sempre foram estimulados com inúmeras possibilidades expressivas e lúdicas, imersa na linguagem dos contos narrados por meus familiares.

Fazia inferências e antecipações ao maravilhar-me com as descobertas proporcionadas ao enfrentar os desafios propostos por meu pai, para descobrir palavras novas, ou deferenciar se uma planta era venenosa ou não, ou ainda buscando estratégias para conciliar a tarefa de entregar uma roupa confeccionada por minha mãe a sua cliente e ao mesmo tempo participar de uma brincadeira de esconde-esconde...

Naquela época eu não tinha noção de nada que acontecia, mas hoje compreendo quando Macedo (1994) pontua-nos que a aquisição do conhecimento socialmente produzido e acumulado, é sempre um tornar-se não se dando apenas pela mera transmissão; é necessário refazer a história por meio de ações ou objetos que tenham sentido para criança.

Acredito que este tornar-se, acontecia quando eu estava na rua, no sítio, na mata, na escola, imersa nas relações de sentidos que estes locais e pessoas me proporcionavam, embora estivesse em um universo escolar no qual era necessário apenas decorar e acertar, este universo não conseguiu me roubar a paixão que tenho pelas histórias e leituras, pois eram elas que traziam a possibilidade de alçar voos para além daquele cotidiano tão previsível que era a escola.

Tudo isto me fez ser uma aluna muito perguntadeira quando encontrava espaço, inquieta quando me silenciavam, com sede de aprender, que sabia muito bem como respeitar e obedecer as regras quanto estava em aula, estrategista nos intervalos, conseguindo sempre comer mais que o permitido, convencendo meus colegas que não queriam comer a largar a brincadeira e ficar na fila para pegar para mim, já que eu não poderia repetir. Mas, não me contentava só com aquilo, sempre queria mais.

Este importante resgate da aluna que fui, na escola que frequentei, somada as lembranças de minha infância, tem me ajudado a refletir sobre as escolhas, contingências e opções com as quais nos deparamos na vida, acreditando ser este um

caminho que me ajuda a compreender a minha subjetividade e autonomia como sujeito singular inscrita em um espaço-tempo social, em um contexto de interdependência entre a menina e a aluna que iniciou seus estudos na escola regular no final década 70, cuja previsão de término era no final da década de 80.

Sem dúvida, o amor, o cuidado e a importância dada aos estudos recebidos, principalmente pela minha família, influenciaram a pessoas e a profissional que hoje sou.

Tanto escrever sobre o que fazemos como ler sobre o que fizemos nos permite alcançar uma certa distância da ação e ver as coisas e a nós mesmos em perspectiva. (ZABALZA, 2004, p.136).

O que fica diluído, portanto, não é o sujeito que compõe esta narrativa, mas minha constituição através do tempo, do objeto, do espaço. E é nesse sentido que acredito na objetividade que aparece, possa ser fundada a experiência coletiva por meio da linguagem.

Não tenho dúvidas de que a escola e a área da educação muito teriam a ganhar se considerassem a criança na sua condição de sujeito da história, ao invés de tomá-la de maneira descolada de suas origens, de sua cultura, de sua etnia, da sua história enfim.

Por isso, as situações que promovem a construção da identidade não podem considerar apenas o lugar que se aprende com as pessoas encarregadas de nos ensinar, mas também um momento da história de quem aprende, um momento de outras histórias de vida, da humanidade, da sociedade a que pertence, da educação.

O tempo transforma o indivíduo que transforma o espaço, num movimento dialógico, em que existe articulação com o espaço do outro. Esse movimento pressupõe abertura e inacabamento. Marca a dimensão histórica de fenômenos que estudamos como movimento em constante tensão e abertura.

Foi estudando Mikhail Bakhtin (2003), que encontrei dois conceitos para aprofundar meus estudos na questão do tempo e do lugar: o cronotopo e a exotopia. O conceito de cronotopo, formado pelas palavras crono (tempo) e topo (lugar), enfatiza a indissociabilidade desses dois elementos atribuindo ao cronotopo o caráter operacionalizador da assimilação pela literatura do tempo e do espaço históricos. Indica a interdependência entre o tempo e o espaço. Expressa o indivíduo no tempo e no espaço.

Nesse sentido, ao considerar cronotopo, nos apresenta a exotopia, como significação, o situar-se num lugar exterior, seria o desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior.

Segundo Bakhtin (2003), esse lugar exterior permite que se veja do sujeito algo que o próprio sujeito nunca pode ver. Ambas as categorias apresentam como fundamental a relação tempo-espaço:

[...] quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver [...] quando nos olhamos dois diferentes mundos se refletem na pupila de nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa” (BAKHTIN, 2003, p.21)

É a partir desta perspectiva bakhtiniana que podemos ter um excedente da visão, pois somente se percebe no outro algo que ele mesmo não vê, devido ao lugar ocupado por ambos no tempo e no espaço. Olhar para esse outro com suas outras vivências, seu outro tempo, pode possibilitar um movimento de empatia, pois vejo no outro o que ele não enxerga e retorno a mim como alguém que não apenas observa de fora, mas estabelece uma relação dialógica entre identidade e cultura.

Rememorar tais vivências ampliam em mim a capacidade de sonhar com uma realidade mais humana, mais bonita e mais justa. Quando Freire (1994) nos provoca a lutar para construir uma utopia, ele aborda uma utopia concreta ao invés de uma utopia abstrata, uma utopia enraizada no presente, sempre operando “da tensão entre a denúncia de um presente que está se tornando mais e mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído – politicamente, esteticamente e eticamente – por nós, homens e mulheres” (p.52).

Utopias estão sempre em movimento, nunca são preestabelecidas, não existem como projetos cuja única garantia é a “repetição mecânica do presente”, ao contrário, existem dentro do movimento da própria história, como oportunidade e não como determinismo. Elas nunca são garantidas.

Ideia esta que persigo, mesmo sabendo que jamais vou alcançá-la, como tão bem nos brinda o escritor Eduardo Galeano, ao se surpreender, aprender e compartilhar conosco

a brilhante resposta de um amigo, dada a um estudante universitário a pergunta “Para que serve a utopia?”:

Dijo que la utopia está en el horizonte, yo sé muy bien que nunca la alcanzaré, que si yo camino diez pasos, ella se alejará diez pasos, cuanto más la busque menos la encontraré, porque ella se va alejando a medida que yo me acerco. ¿ Buena pregunta, no? ¿ Para que sirve? Pues la utopia sirve para eso, para caminar. (BIRRA)³.

Assim pude me abrir para outros nascimentos; ampliação de entendimentos outros; de libertação, mesmo que de forma simbólica, ou ainda, dando-me permissão de questionar-me sobre valores e ideologias, principalmente os religiosos, que até então me faziam agir pelo medo, ou seja, eu literalmente temia a Deus, acreditando que havia apenas o que aprendi desde criança, como a única verdade existente, uma verdade absoluta e até então, inquestionável.

E o que vejo a cada momento é aquilo que nunca antes tinha visto. E eu sei dar por isso muito bem...[...] Sinto-me nascido a cada momento, para a eterna novidade do mundo (CAICIRO)⁴.

Tal ação tem como exigência epistemológica o instante da escrita que coincide com o presente da contemplação, da rememoração e da revelação.

Como a filosofia não pode ter a arrogância de falar no tom de revelação, essa tarefa só pode cumprir-se pela reminiscência, voltada retrospectivamente, para a percepção original.(...) Somente, não se trata de uma atualização visual das imagens, mas de um processo em que na contemplação filosófica a ideia se libera, enquanto palavra, do âmago da realidade, reivindicando de novo seus direitos de nomeação (BENJAMIN, 1984, p.59)⁵

É fato, como nos aponta Prado e Soligo (2005) que a escrita é o que queremos que ela seja – nós, seres humanos temos o poder sobre ela. Tudo o que a escrita é, tudo o que provoca, revela e oculta tem por trás a ação dos sujeitos históricos que dão sentido, artífices do nosso destino. “Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser

³ Declamacion: Eduardo Galeano em entrevista sobre El Derecho ao Delírio, no qual narra seu aprendizado sobre a utopia promovido por um grande amigo, o diretor de cinema Fernando Birra, quando ambos estavam realizando uma palestra em uma Universidade, em Cartagena, na Índia e um dos estudantes pergunta a seu amigo “Para que serve lá utopia?”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Z3A9NybyZj8>>. Acesso em: 25 ju. 2013.

⁴ In ‘ O Guardador de Rebanhos’. Disponível em: <<http://www.insite.com.br/art/pessoa/ficcoes/acaieiro/207.php>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

⁵ Disponível também em: <<http://pt.scribd.com/doc/144189547/BENJAMIN-Walter-Origem-do-drama-barroco-alemao>>. Acesso: 10 ag. 2013.

feito, sem fazer cultura (...) sem sonhar (...) sem aprender e sem ensinar (...) não é possível” (FREIRE, 1996, p.64).

ÚLTIMAS PALAVRAS

Inspirada em Benjamin (1984), sinto que restituir o sentido deste momento histórico neste tempo presente, foi como percorrer as sombras da minha história e construir a imagem que me libertou o futuro inscrito no passado.

As construções identitárias foram sendo situadas sócio-historicamente, nascendo da relação dos sujeitos e de sentidos e seus efeitos múltiplos que se efetivam nos encontros estabelecidos no contexto escolar que estavam inseridos, na busca da identidade local, permeados de situações precisas influenciadoras de práticas discursivas que estão em constante transformação.

O processo de construção e reconstrução de identidades foi possibilitado pela participação dos indivíduos nos grupos, bem como pela forma que os mesmos agem e se relacionam em seu cerne. Estes fatores determinaram a nossa trajetória, a maneira de se apresentar e estar em meio social e ainda faz da identidade uma identidade que se movimenta, com objetivo de tornar-se ou vir a ser diferente.

Enquanto uma estrutura não fixa a identidade, esta não se mantém estática no tempo e no espaço, ela se associa ao contexto ao qual está inserida, sendo transformada por esta realidade. Por ser formada historicamente, a identidade, incorpora o passado e o futuro no processo de negociação com o presente, selecionando o que contribui e o que passa a ser marginal na sua constituição.

Assim como Bakhtin, a partir da linguagem, entendemos que o indivíduo pode reconstruir sua história por meio da interação estabelecida com outros frente a uma realidade específica, atribuindo assim novos sentidos ao modo de interpretar a realidade, sem mais pensar em identidades estanques, mas fluídas e múltiplas.

OBRAS CITADAS

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Trad. M. E. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem**. 12. ed. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BENJAMIN, W. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, vol.I). p..

_____. **Obras Escolhidas, v. II, Rua de mão única**. Trad.: R. R. Torres F. e J.C.M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Obras Escolhidas, v. III, Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. Trad.: J.C.M. Barbosa e H. A. Baptista. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BOSI, E. **Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

CAIEIRO, A. In **O Guardador de Rebanhos**?. Disponível em <<http://www.insite.com.br/art/pessoa/ficcoes/acaeiro/207.php>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

_____. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GAGNEBIN, J. M. **História e narração em Walter Benjamin**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GALEANO, E. Declamacion: Eduardo Galeano em entrevista sobre El Derecho ao Delírio, no qual narra seu aprendizado sobre a utopia promovido por um grande amigo, o diretor de cinema Fernando Birra, quando ambos estavam realizando uma palestra em uma Universidade, em Cartagena, na Índia e um dos estudantes pergunta a seu amigo “Para que serve lá utopia?”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Z3A9NybYZj8>>. Acesso em: 25 ju. 2013.

MACEDO, L. de. **Ensaio construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

SAFRA, G. **A face estética do self: teoria e clínica**. São Paulo: Unimarco, 1999.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Revista
Diálogos